

## Depoimento Maria Mendes – Sala Sul de Minas – Salinha Butantã

O ano era o de 2017 da era cristã. Chego a cidade de Paraisópolis no estado de Minas Gerais, localizado na região sudeste de um País da América do Sul denominado Brasil e me deparo com uma construção nada convencional. Emoldurada por um lindíssimo céu azul turquesa e um pasto verde com inúmeros animais tranquilamente pastoreando estava a Sala Sul de Minas. E foi lá que tudo começou.

Eu não conhecia absolutamente nada sobre a mensagem de Silo tampouco sobre o movimento humanista. Fui convidada por um amigo, cerca de um mês antes, a participar de um encontro que seria realizado na “salinha” Butantã, ele também não soube me explicar o que seria, mas resolvi segui-lo. Quando lá chegamos, fizemos uma cerimônia de Bem Estar e ao final nos foi feito o convite para conhecermos a Sala Sul de Minas durante os dias de carnaval. Foi assim que cheguei até o encontro em Minas Gerais: sem nenhum conhecimento sobre o assunto, mas com muita vontade de saber e sentir o que existia por lá, pois a cerimônia de Bem Estar que havia participado tinha me deixado com este desejo.

Em uma das atividades propostas nos foi solicitado que fechássemos os olhos e voltássemos o olhar para dentro de nós mesmos, buscando ver nossa luz interior. Ao fazer esse exercício me deparei com algumas sombras, alguns medos, alguns ressentimentos e algumas outras coisas que já não cabiam dentro das “gavetinhas” do meu inconsciente e estavam loucas para sair de lá. Uma destas situações era a minha relação com meu pai, ou melhor, a descoberta que o meu consciente havia feito, de que: Sim, eu tenho pai!

Ao retornar da atividade e abrir os olhos achei que algo no mundo exterior havia mudado. Será que enquanto eu estava de olhos fechados alguns extraterrestres mudaram tudo e todos que estavam no planeta Terra? Será que eu não estou bem por isso tudo esta tão diferente? Foram perguntas que ficavam ecoando em minha cabeça durante o resto do encontro que durou todo o fim de semana.

### **Fase da ignorância**

Durante 41 anos da minha experiência neste planeta na qualidade de um ser da espécie humana em constante desenvolvimento simplesmente ignorei a presença do meu pai como alguém que fizesse parte desse processo. Não que eu me negasse a falar sobre ele, simplesmente ele não existia na minha vida de maneira consciente.

Minha historia começa quando minha mãe D. Dalva, teve um romance avassalador com o Sr. Carlos, meu pai. Ao perceber que estava grávida minha mãe fez o anuncio oficial ao meu pai de que ele seria agraciado com um(a) herdeiro(a). Meu pai então resolve “girar o leme” do seu barco para outros mares, partindo para nunca mais voltar deixando a honra de receber este presente (que sou eu) apenas para a minha mãe.

Esta criança cresceu e por amor a mãe assumiu para si todos os dissabores deste relacionamento amoroso entre sua mãe e seu com o pai, sentindo as dores de um coração partido que sofre, sentindo a dor do abandono e sem entender que na vida tudo esta exatamente como tem que ser.

Minha mãe nunca havia me falado muita coisa sobre meu pai, simplesmente que ele havia nos abandonado, pois era um homem “safado”. Este era o único adjetivo que eu conhecia do meu pai. Então, como forma de defesa adotei a estratégia de simplesmente apagá-lo da minha vida e quando me perguntavam sobre ele a resposta era sempre a mesma: “Eu não tenho pai”.

### **Fase da descoberta**

Logo que voltei do encontro na Sala Sul de Minas, após o exercício que me fez ver o mundo com lentes especiais, percebi que não seria possível retroceder ao estágio da ignorância. Eu havia aberto uma gaveta equivalente à caixa de pandora e agora seria necessário enfrentar tudo o que veio a tona.

A esta altura eu já admitia a existência do meu pai, porém os sentimentos que nutria com relação a ele eram de raiva pelo abandono, indignação pela injustiça cometida e cobrança por ele ter ido embora e nos deixado. Muitas lágrimas acompanharam essa fase, momentos de sofrimentos que pela intensidade chegavam a doer no corpo físico.

Foram dias de mergulhos interiores muito profundos no lamaçal de ressentimentos e dor em que meu coração estava envolto. Além de ser algo muito novo eram feridas que agora estavam abertas e sangrando em busca de um balsamo para aliviar tais sofrimentos. Nunca havia me dado conta que esta relação desarmônica entre meu pai e eu refletia na minha vida de forma tão intensa ao ponto de que algumas das atitudes que tinha e o modo como pensava ou via a vida estava sendo guiado por esta relação.

Comecei uma busca por informações que pudessem me levar a este encontro. Tive algumas conversas extremamente difíceis com a minha mãe com o intuito que ela pudesse me ajudar, e outras tantas com pessoas que conheceram meu pai mesmo que rapidamente. Qualquer informação neste momento era algo extremamente importante pra mim. Obtive alguns relatos, porém, coisas muito superficiais que em nada adiantou para aliviar meu sofrimento. Pelo contrário, a angustia só aumentava, as lágrimas já saíam com maior intensidade só de pensar no assunto e a desesperança só crescia. Até que percebi que esta estratégia não seria eficaz.

Percorri muitas estradas em busca dessa cura, muitos foram os auxílios recebidos de pessoas que me amam e amigos queridos, seres muito especiais que com um bate papo em uma mesa de café, indicação de leituras ou simplesmente com a sua escuta me auxiliaram nesta jornada. No entanto, mesmo tendo plena convicção de que nunca estamos sozinhos este era um caminho solitário ao qual somente eu poderia trilhar, pois esta estrada ia em direção ao profundo da minha alma, aos rincões mais distantes do meu ser. Era uma busca pelo que não é visível aos olhos, mas sentido pelo coração. Estava em busca da cura para aquele sofrimento, e esta cura se chamava Reconciliação.

### **A Reconciliação**

Comecei então a não mais procurá-lo no mundo visível. Comprei uma passagem somente de ida para o mais profundo da minha alma em busca do meu pai. Era lá que precisava encontrá-lo, pois a minha razão já o aceitava como meu pai, mas meu coração ainda não.

Foi uma viagem muito lenta por estradas muito frágeis que faziam com que cada passo fosse dado com medo de que tudo desmoronasse e a viagem chegasse ao fim. No entanto, com pequeninos avanços dados diariamente fui percorrendo o caminho que gradativamente foi ficando mais seguro. Algo estava mudando dentro de mim.

Algumas compreensões que saíram do meu entendimento racional e passaram a ser sentidas pelo meu emocional foram muito importantes neste processo de cura. Uma delas foi aceitar que o que aconteceu entre minha mãe e meu pai não faz parte dos meus problemas, pois eles são dois seres adultos capazes de resolver suas vidas da forma como melhor entenderem e eu sou apenas filha deles; Aceitar que todos estamos em processo de evolução e por isso não se pode julgar ninguém por suas escolhas; Aceitar que meu pai ao ir embora fez a escolha que ele entendeu ser a melhor naquele momento; Aceitar que cada um tem aquilo que precisa e eu tenho o pai e a mãe certos para que possa ser quem sou hoje, ciente de que a ausência física dele e todas as suas consequências me trouxeram ensinamentos valiosos que formam o meu ser.

2017 foi um ano muito intenso e a impressão que tive é que vivi décadas em menos de 11 meses. É então que aterrisso no ano de 2018 e logo no segundo dia embarco para Punta de Vacas para uma peregrinação ao Parque de Estudos e Reflexões.

Esse lugar com uma paisagem totalmente diferente de tudo que já tinha visto é realmente inspirador para aqueles que buscam ouvir o que os ventos dizem e sentir a vibração que vem das montanhas. O mergulho feito ao se transpor aqueles portais fez com que a frase dita por Silo ficasse ecoando em minha mente “não imagines que esta preso a este tempo e espaço”. Realmente, ao entrar no Parque parece que somos transportados a uma dimensão diferente daquela deixada do lado de fora.

Conheci pessoas com muita vontade de se encontrar e se curar de sofrimentos, ouvi relatos de experiências muito profundas, histórias de vida repletas de alegrias e dissabores assim como existe aqui no Brasil, o que cada vez mais me fez compreender que não existe barreira geográfica para o sentimento humano. Muitos foram os sorrisos e as prosas pelos vários cantinhos do Parque e a animação em nossa cabana era constante. Em um destes momentos de conversação profunda temperada sempre com pitadas de bom humor, surgiu o tema referente à experiência guiada. Eu não conhecia estas experiências e fiquei muito interessada em participar.

No dia seguinte lá estava eu, sentada em um dos cantos do parque de Estudos e Reflexões, acompanhada por alguns amigos, pronta para participar desta experiência denominada “A criança”.

A proposta desta experiência era que após um profundo relaxamento nos deixássemos ser guiados através de uma história contada por uma espécie de facilitador. As imagens projetadas em nossa tela mental é que trariam o material a ser refletido ao término da experiência. De um modo geral a solicitação é que deixássemos vir a tona algum tipo de injustiça que tenhamos sofrido durante a infância.

A experiência foi se desenvolvendo e as imagens foram surgindo em minha tela mental, a entrada da casa com os leões, o homem com chapéu.....eis que de repente seguindo o

comando de imaginar-se com aproximadamente 10 anos, me vejo (na condição de expectadora) uma menina com cerca de dois ou três anos de idade em um lugar com um imenso gramado verde, cercado por árvores que formavam um espécie de semicírculo muito grande, o sol brilhava de maneira especial, sua luminosidade era tão intensa que ao tocar o chão coberto de grama este devolvia a luminosidade para cima em uma intensa troca de luz que fazia com que o ambiente possuísse um clima inexplicável.

Eu corria por este gramado dando aquelas gargalhadas que as crianças dessa idade dão quando fazemos cocegas nelas. Corria ziguezagueando e sorrindo. Em dado momento, ao meu lado surge a figura de um homem muito alto, magro vestido com uma calça bege, não consigo ver o rosto dele, mas ele segurava a minha mão e corríamos e brincávamos juntos. Então, paramos um ao lado do outro e nesse momento já não mais via o homem ao meu lado, mas uma espécie de concentração de luz sem forma humana, mas que de alguma forma eu sentia que estava segurando minha mão. Nesse momento percebo que já não mais estou na condição de expectadora da cena, é como se aquelas imagens não estivessem na minha mente, e sim como se eu estivesse realmente com dois anos de idade e olhando aquela energia condensada que estava o meu lado e de forma não verbal me dizia: “vai”. Sinto como se minha mão fosse solta e saio correndo em direção a abertura do semicírculo as gargalhadas.

Ao fim da experiência estou muito emocionada e com uma sensação de felicidade que toma conta de toda a minha alma. Um mar de lágrimas molha o meu rosto e cada uma delas está repleta da mais intensa sensação de paz.

Foi uma experiência muito intensa que com certeza ira reverberar por muitos e muitos dias ou meses ainda, porém sinto que são passos dados de forma diferente, não são mais passos frágeis, amedrontados e inseguros. A sensação é de que hoje posso ir porque não preciso mais procurar nem buscar nada. Sinto como se agora não tivesse mais que procurar meu pai, mas sim desfrutar do seu convívio a cada instante da minha vida.

Existe uma musica muito antiga de um cantor chamado Fabio Junior que sempre que estava sintonizada em uma estação de radio e ela começava a tocar imediatamente eu mudava de estação. Hoje, logo pela manha peguei meu celular e busquei essa musica para ouvi-la. Fiquei muito emocionada, chorei muito, mas ao final tive a plena certeza de que meu pai estava para sempre comigo. A música é:

Pai

Pode ser que daqui a algum tempo  
Haja tempo pra gente ser mais  
Muito mais que dois grandes amigos  
Pai e filho talvez

Pai

Pode ser que daí você sinta  
Qualquer coisa entre esses vinte ou trinta  
Longos anos em busca de paz....

Pai  
Pode crer  
Eu tô bem eu vou indo  
Tô tentando vivendo e pedindo  
Com loucura pra você renascer...

Pai  
Eu não faço questão de ser tudo  
Só não quero e não vou ficar mudo  
Pra falar de amor pra você

Pai  
Senta aqui que o jantar tá na mesa  
Fala um pouco tua voz tá tão presa  
Nos ensina esse jogo da vida  
Onde a vida só paga pra ver

Pai  
Me perdoa essa insegurança  
É que eu não sou mais aquela criança  
Que um dia morrendo de medo  
Nos teus braços você fez segredo  
Nos teus passos você foi mais eu

Pai  
Eu cresci e não houve outro jeito  
Quero só recostar no teu peito  
Pra pedir pra você ir lá em casa  
E brincar de vovô com meu filho  
No tapete da sala de estar

Pai  
Você foi meu herói meu bandido  
Hoje é mais muito mais que um amigo  
Nem você nem ninguém tá sozinho  
Você faz parte desse caminho  
Que hoje eu sigo em paz